

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM SÃO JOÃO DEL-REI: UM BREVE APANHADO DO INÍCIO DO CURSO DE CIÊNCIAS DA FACULDADE DOM BOSCO

*Paulo Henrique Apipe Avelar de Paiva
Colégio Bom Jesus
paulo.paiva@bomjesus.br*

Resumo

Por meio deste trabalho discorremos sobre a formação de professores de Matemática na cidade de São João del-Rei. Mais especificamente, focalizamos a formação que o curso de Ciências da Faculdade Dom Bosco ofereceu. Utilizando a História Oral como aporte metodológico, partimos de 1966, ano da inauguração do curso, até meados da década de 1970 com o propósito de compreender como se deu tal formação no período inicial do curso. Utilizamos, para isso, o depoimento de dois professores da instituição que, antes, foram, também, alunos do referido curso, bem como textos escritos que versaram, brevemente sobre o período inicial da Licenciatura em Ciências. As análises apontaram para a formação aligeirada e sob o signo da urgência dos licenciandos, bem como para o enfoque privilegiado sobre as áreas de Física e Química em detrimento da Matemática.

Palavras-chave: Formação de professores de Matemática; História da Educação Matemática; São João del-Rei; Faculdade Dom Bosco.

1. Introdução

A formação de professores no Brasil tem sido objeto de uma gama de estudos que se destinam a compreender suas nuances, investigar particularidades, apontar direções para onde ela caminha, entender os fatores que atraem ou repelem novos profissionais, dentre outros aspectos. Visando a contribuir para estudar o tema, alguns pesquisadores têm procurado compreender também o percurso histórico da formação de professores em território nacional sob vários aspectos. Com tal ação, dentre outras finalidades, espera-se que haja uma desnaturalização do que outrora parecia indiscutível ou inquestionável.

Nessa direção, pesquisadores da área de Educação Matemática também têm se debruçado sobre o viés histórico da formação de professores de Matemática no Brasil, com os mais variegados propósitos. Esse, inclusive, é um dos temas de interesse de um dos campos que Miguel, Miorim e Brito (2013) definem, a saber, a História da Educação Matemática (HEM).

Ou seja, além de abrigar pesquisas que versem sobre a Matemática escolar, propostas e políticas de ensino, pessoas e instituições que contribuíram para o desenvolvimento da Educação Matemática, a HEM comporta, igualmente, pesquisas que investigam a história da formação de professores de Matemática.

Esta pesquisa tem por objetivo ser mais um trabalho que investiga a formação de professores de Matemática no Brasil. No nosso caso, na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais. Particularmente pretendemos, aqui, relatar como se deu o processo de formação de professores de Matemática por meio do Curso de Ciências da Faculdade Dom Bosco (FDB), nos anos iniciais do curso, em um momento em que não existia Licenciatura em Matemática ainda na cidade¹. Para isso, investigamos as estruturas iniciais do curso de Ciências.

Para responder à questão, focalizamos o ano de inauguração do curso, datado de 1966, a partir do depoimento de dois professores – um de Física e outro, de Química – da instituição que, antes, foram alunos do próprio curso de Ciências e pretendemos estudar o curso nos seus primeiros anos de funcionamento e suas estruturas iniciais, até por volta de meados da década de 1970. Igualmente, nos valem de pesquisas que mencionam o período em questão e apoiamo-nos na metodologia denominada História Oral para desenvolver o tema.

O tema torna-se importante porque, como tentaremos explicar melhor ao longo do texto, o curso de Ciências habilitava o seu concluinte para lecionar Matemática e Desenho Geométrico no 1º Grau e, a título precário, concedia autorização para o licenciado lecionar Matemática no 2º grau. Pensando nisso, investigamos qual o papel, ou a importância, atribuído à Matemática no curso, quem eram os professores que cuidaram das disciplinas e obter elementos que dão indícios, ou não, de uma formação que correspondia às necessidades da época e de que modo essas necessidades procuravam ser sanadas.

Este trabalho se origina da dissertação de mestrado por nós defendida neste ano de 2016, no âmbito do programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação da professora Maria Laura Magalhães Gomes (PAIVA, 2016)². Ademais, visamos, aqui, contribuir com um projeto de

¹ A Licenciatura em Matemática na cidade de São João del-Rei foi instituída no ano de 2002, juntamente com o advento da Universidade Federal de São João del-Rei.

² A dissertação mencionada, contudo, investigou a história da formação de professores de Matemática em São João del-Rei em outra instituição, a Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI), no período de 1987 a 2001.

maior escopo, conduzido pelo Grupo “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM), do qual fazemos parte, que visa mapear a formação de professores de Matemática no Brasil.

Em Minas Gerais alguns trabalhos, oriundos de pesquisadores vinculados ao GHOEM, ou não, abordaram a história da formação de professores como, por exemplo, os trabalhos de Ferreira (2012) e Almeida (2015), já concluídos, bem como outros que estão em andamento em programas de pós-graduação. Contudo, enxergamos, também, importância em se investigar a questão proposta para tentar superar a afirmação feita por Souto e Silva (2011, p. 221), a qual sustenta que em São João del-Rei “(...) as histórias da Matemática e da Educação Matemática ainda estão por serem escritas”.

Ademais, estudar a formação de professores de Matemática nessa cidade pode ser importante especialmente por São João del-Rei – uma cidade história mineira de 302 anos – ocupar uma posição de destaque na microrregião mineira à qual pertence, sendo referência econômica, cultural e educacional para as cidades que a circunvizinham desde o século XIX.

Por fim, vale ressaltar a afirmação de Gomes, que diz

a matemática se afigura, provavelmente, a muitas pessoas, como um conhecimento a-histórico, e nessa perspectiva, seria estranho que o mesmo não se passasse também com a educação matemática. [...] não é fácil para as pessoas comuns, e talvez não o seja nem mesmo para os professores de matemática, perceber que, ao longo do tempo, ocorrem alterações nos conteúdos, nas abordagens, nas concepções, nas finalidades e nos valores propostos para a educação matemática (GOMES, 2010, p. xix).

2. Alguns pressupostos da História Oral e o uso dessa metodologia

Por meio da análise das narrativas de dois professores, o professor Marco Túlio Raposo e o professor José Mauro da Silva Santos³, acreditamos que a História Oral poderá proporcionar aos sujeitos pesquisados a oportunidade de evidenciar aspectos ainda não focalizados por documentos escritos. A essas narrativas daremos o mesmo tratamento que às demais fontes documentais, ao tentar interpretá-las, compreendê-las e articulá-las para, assim, construir nossa versão histórica sobre a formação dos professores de Matemática da região escolhida. Baseando-nos em Gomes (2012), podemos afirmar que “nenhum tipo de documento retrata o que verdadeiramente se passou” (p. 128, grifos do original) e, tampouco, os depoimentos orais

³ Optamos por chamar os nossos entrevistados nominalmente, por entender que a História Oral pode e deve dar voz aos sujeitos que compartilham conosco suas memórias, tornando-as, assim, passíveis de análises, interpretações e organização.

são donos de tal veracidade sobre os fatos. Por isso, procuraremos não valorar um tipo de fonte mais que outro, pois

Entende-se que a História Oral gera fontes historiográficas e que o pesquisador, ao analisar essas fontes, pode estabelecer uma versão acerca do contexto abordado pelas fontes (criando, portanto, outra fonte). Num trabalho analítico dessa natureza, uma grande variedade de recursos/fontes (e, conseqüentemente, de pontos de vista) é mobilizada além dos depoimentos orais. Os pontos de vista (as verdades do sujeito e das outras fontes disponíveis) são postos em diálogo, sem que uma fonte seja valorada de modo diferenciado, posto que cada um desses recursos abre a possibilidade de conhecer perspectivas alternativas, ainda que, não poucas vezes, conflitantes. (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 237).

Utilizando a História Oral, queremos reavivar a memória individual e coletiva, buscando acontecimentos não registrados – resgatar as ausências, associando-os a eventos da vida pública e privada e, desta forma, percebermos olhares de mundo, dos lugares e da profissão. Nessa direção, segundo Garnica e Souza (2012, p. 98-99), buscamos estabelecer “‘versões’ que compõem cenários possíveis e preservam vozes muitas vezes alternativas e dissonantes aos ‘fatos’ históricos”.

Para Meihy (2002, p. 20-21)

a necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social, e nesse sentido, está ligada ao direito de cidadania. Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva.

Além disso, outro aspecto importante da História Oral é a evocação da subjetividade que emana dos depoentes. Segundo Paul Thompson (1992), uma das potencialidades da história oral, se não a maior delas, é a criação, em maior extensão que outras fontes, de vários pontos de vista originalmente postos, em meio a uma realidade complexa e multifacetada.

No âmbito da Educação Matemática, no entendimento de Garnica (2007), além de a História Oral ser um método de pesquisa qualitativo, a escolha dessa metodologia traz consigo algumas implicações importantes.

(...) optar pela História Oral, portanto, é optar por uma concepção de História e reconhecer os pressupostos que a tornaram possível. É inscrever-se num paradigma específico, é perceber suas limitações e suas vantagens e, a partir disso, (re)configurar os modos de agir de maneira a vencer as resistências e ampliar as vantagens. Portanto,

não se trata simplesmente de optar pela coleta de depoimentos e, muito menos, de colocar como rivais a escrita e a oralidade. Trata-se de entender a História Oral na perspectiva de, face à impossibilidade de constituir “A” história, (re) construir algumas de suas várias versões, aos olhos dos atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores – via de regra negligenciados –, sem desprestigiar, no entanto, do dados “oficiais”, sem negar a importância de fontes primárias, de arquivos, de monumentos, dos tantos registros possíveis. (2007, p.89)

Sobre as entrevistas que realizamos com os dois professores, foram organizadas para que fossem semiestruturadas, e fossem gravadas em áudio e/ou vídeo. Essas entrevistas foram planejadas segundo um roteiro baseado no de Martins-Saladim (2012) que permitiu ao sujeito entrevistado trazer à tona suas memórias sobre a formação de professores de Matemática em São João del-Rei no período delimitado⁴. Ademais, o roteiro permitiu discorrer sobre outros temas que tornaram a entrevista mais dinâmica – vida pessoal, formação acadêmica e assuntos similares – mas que não abordaremos aqui, nos limitando apenas às partes que interessam ao tema desse trabalho.

De acordo com os parâmetros que vem sendo adotados pelo GHOEM e outros autores que se utilizam da História Oral, após a realização das entrevistas fizemos a transcrição, ou gravação, um primeiro registro escrito, observando o vocabulário, procurando preservar na escrita o registro feito. Após essa primeira etapa de transcrição, demos início à textualização das entrevistas, ou seja, à produção de um texto editado, escrito por nós, a partir da transcrição, o qual sofreu algumas adaptações para se tornar mais coerente e se conectar à nossa questão de pesquisa, ajudando a constituir nossa versão histórica da formação de professores de Matemática na cidade de São João del-Rei no início do curso de Ciências da FDB.

As partes da textualização que falam do início da formação de professores no início do curso de Ciências seguem abaixo, assim como um apanhado, encontrado em dois textos, sobre o início da FDB. Assim, queremos contextualizar e compreender o processo de formação da Licenciatura em Ciências.

3. Contextualizando

⁴ Ambos os entrevistados concederam autorização para o uso de suas entrevistas. O termo de consentimento pode ser consultado em Paiva (2016).

Com um quadro de poucos professores na década de 1960, sobretudo em algumas áreas, sendo formados em cursos superiores de licenciatura e com a urgência de crescimento obstinado da parte do Estado, à época sob um regime militar contestado e combatido por diversos setores da sociedade, várias mudanças foram propostas para o ensino como um todo. Dentre elas, em 1964, uma Indicação do Conselho Nacional de Educação (CNE)⁵, de autoria do conselheiro Newton Sucupira, propôs criar uma modalidade experimental e emergencial de cursos de licenciatura para atender aos anseios da educação e aos propósitos governistas: a Licenciatura Curta.

O conselheiro Newton Sucupira propôs a criação de três Licenciaturas Curtas, em um primeiro momento: Letras, Estudos Sociais e Ciências. Esta última habilitaria o concluinte a lecionar as Ciências Físico-Biológicas, Iniciação às Ciências e Matemática. Para o conselheiro

Esta figura do professor polivalente se justificaria sob vários aspectos: em primeiro lugar o professor ginásial não há de ser um especialista puro; em segundo lugar, do ponto de vista pedagógico formativo o ideal seria que, no primeiro ciclo, o mesmo mestre se ocupasse de várias matérias; finalmente, porque contribuiria para resolver o problema da falta de professores. (SUCUPIRA apud NASCIMENTO, 2012, p. 345).

Nessa direção, Sucupira chama a atenção para a escassez de professores para “[...] o setor das Ciências da Natureza e da Matemática como o mais carente em termos de formação de professores e defende “[...] a criação de um professor polivalente para o ciclo ginásial, de Ciências Naturais e Matemática e Ciências Sociais”” (NASCIMENTO, 2012, p. 342).

A tônica da Indicação de 1964 parece, de um modo geral, prezar pelo aspecto quantitativo, relegando a segundo plano o aspecto qualitativo. A proposta era do “mínimo por menos” (NASCIMENTO 2012, p. 341), ou seja, tratava-se de uma formação simples e que abrangesse um bloco de disciplinas, no menor tempo possível. Em um pensamento fabril, a intenção era otimizar ao máximo a produção de novos docentes, capacitando-os para atuar em diversas frentes e com mínimo custo.

Com a primeira turma do curso de Ciências da FDB iniciando os estudos em 1966, com um modelo de curso, e a segunda turma já nos moldes propostos de uma Licenciatura Cruta, em outro modo, portanto, podemos dizer que a Faculdade Dom Bosco rapidamente passou a

⁵ A Indicação s/n foi aprovada pelo CNE em 9/10/1964.

oferecer essa nova e célere modalidade de ensino, ao menos para o curso de Ciências. O curso de Ciências na Faculdade Dom Bosco teve seu início muito próximo à data da Indicação.

4. A formação de professores de Matemática no início do curso de Ciência da FDB

4.1. O início da FDB

Em 1940, os padres salesianos que residiam em São João del-Rei resolveram por criar o Colégio São João, que recebia seminaristas da congregação salesiana para ali estudarem e residirem, já que o colégio funcionava na forma de internato. Após trinta anos de funcionamento, o Colégio São João passou a aceitar alunos que não residissem nas dependências do colégio – alunos que não eram seminaristas. Quando encerrou suas atividades, em 1986, o colégio já funcionava totalmente em regime de externato.

Junto ao Colégio São João, foi fundado o Instituto Salesiano de Filosofia e Pedagogia, que passou a oferecer cursos de nível superior, também na década de 1940. Após uma expansão em sua estrutura física, os administradores da instituição decidiram inaugurar a Faculdade Dom Bosco, originária do antigo instituto. Suas atividades começaram em 1954. Dois anos após sua inauguração, passou a receber, também, pessoas da comunidade externa – não mais somente religiosos, atendendo aos municípios vizinhos de São João del-Rei (GAIO SOBRINHO, 2000). Segundo Arruda,

A possibilidade da formação ganharia reforço com a expansão do Instituto de Filosofia e Pedagogia, transformando-se em Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras em 09 de março de 1954. Sua finalidade, conforme estabelecido em regimento, foi habilitar professores para atuar nos colégios da região (ARRUDA, 2011, p. 35).

Ainda assim, a cidade sofria com a falta de alguns professores específicos e, dentre esses, professores de Matemática. Daí, talvez, a necessidade de se criar um curso de Ciências. A seguir, apresentamos excertos das textualizações das entrevistas dos professores Marco Túlio Raposo e José Mauro da Silva Santos, onde eles apresentam suas experiências como alunos do início do curso de Ciências da Faculdade Dom Bosco e nos contam suas versões sobre como foi o início dos trabalhos.

4.2. Professor Marco Túlio Raposo

A história dessas licenciaturas na UFSJ é a seguinte: a licenciatura em Ciências era um curso originado na antiga Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, em 1966, cuja primeira turma se formou em 1970. Ele foi proposto como curso de Ciências Físicas e Biológicas, licenciatura plena, mas foi aprovado pelo MEC, se não me engano, em 1971, como Licenciatura Curta em Ciências. Eu sou da segunda turma. A primeira turma entrou em 1966. Nos dois anos seguintes, não entraram turmas novas e só teve uma segunda turma em 1969. Então eu sou da segunda turma, que se formou em 1971. Daí para a frente houve uma regularidade de acesso, mas com muita dificuldade, porque não havia professores de Física, de Química, de Matemática e de Biologia em condições de ministrar aulas de maneira continuada e morando em São João del-Rei.

Quem era professor de Biologia aqui era um agrônomo que dava aula de Botânica. Outros professores de Biologia eram um oficial do Exército, farmacêutico, e a esposa, também farmacêutica. Os dois davam aulas de Química e aulas de Biologia. Na verdade, ele era farmacêutico - bioquímico, mas dava aulas de Biologia. De Matemática e Física, eram casos interessantes. Os professores que davam as aulas de Matemática no curso de Ciências, tanto quanto eu me lembro, eram frades franciscanos. Enquanto eu fui aluno desse curso de 1969 a 1971, o meu professor de Física era frade franciscano e o de Matemática também. De Matemática, frei Jordano Noordermeer e o de Física, frei Feliciano Van Sambeck. O frei Feliciano está vivo, Frei Jordano, não. Eram muito bons professores. Frei Feliciano é formado em Física pela UFMG em 1961.

Eu fui aluno do curso de Ciências e depois de formado trabalhei aqui quando ainda era instituição ligada à inspetoria salesiana, Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras, administrada pelos salesianos⁶. O curso existia aqui como Licenciatura Curta ao lado de Filosofia, Psicologia, Letras, Pedagogia – que era um curso de grande expressão. No ano de 1974 o Ministério da Educação propôs que as Licenciaturas em Ciências oferecessem habilitações além do que ele denominou ciclo básico de formação, que correspondia ao então curso de Ciências e que tinha caráter terminal – você ganhava o diploma de Licenciado em Ciências. A resolução que propôs a formação das habilitações, se eu não estiver enganado, é a Resolução 30/74 do Conselho Federal de Educação, propondo essa modalidade de formação. Você podia fazer uma complementação da formação, obtendo uma nova habilitação em Física,

⁶ Congregação de padres católicos que hoje formam a Inspetoria São João Bosco e têm como uma das principais missões promover a educação, inspirados pelo seu fundador São João Bosco.

ou em Química, ou em Matemática, ou em Biologia. Após algum tempo, nós aqui, já como instituição pública federal – inclusive eu era coordenador na época – trabalhamos para criar as habilitações em Física e Química⁷.

4.3. Professor José Mauro da Silva Santos

Quanto ao curso de Ciências propriamente, inicialmente ele foi criado pela Faculdade Dom Bosco de São João del-Rei, dos padres salesianos⁸, o objetivo era formar professores de Matemática e Ciências para o ensino básico, até a oitava série. Se você me permite ir um pouco mais além, a meu ver essa iniciativa foi uma boa ideia. A região, a cidade, não tinha professores de Matemática. Contudo, poderia ter sido criada a Licenciatura Plena. Afinal, por que a criação da Licenciatura Curta, só até a oitava série? Por que uma limitação até a oitava série? Eu tenho uma crítica, uma ressalva sobre isso. Sempre defendi esse ponto de vista desde a época de Faculdade Dom Bosco.

Havia condições, ainda nos tempos de Faculdade Dom Bosco, de ter a Licenciatura Plena. Apesar de ainda ser uma instituição particular, os salesianos tinham uma infraestrutura boa. Eles podiam ter feito um curso de Matemática ou uma Licenciatura Plena lá, com certeza. Chegaram a dizer que estavam preparando uma documentação e que iam fazer. Mas acontece que a situação econômica da instituição piorou muito, tanto que a história da criação da FUNREI foi possibilitada também por causa disso. As duas instituições particulares da cidade – a Faculdade Municipal da Engenharia e a Faculdade Dom Bosco estavam capengas de dinheiro. Então aproveitaram que o Tancredo⁹ era filho da terra e da influência política dele e transformaram numa universidade federal da qual eu me orgulho muito hoje. Tenho um orgulho enorme daquela instituição.

A estrutura curricular, em função de o curso preparar professores de Ensino Fundamental, não Médio nem Superior, era de nível mais elementar. Por exemplo, da área de Matemática, que é o foco, mais especificamente no Cálculo Diferencial e Integral, a parte mais

⁷ Esse fato se deu apenas na década de 1990.

⁸ Congregação de padres católicos que hoje formam a Inspeção São João Bosco e têm como uma das principais missões promover a educação, inspirados pelo seu fundador São João Bosco.

⁹ Tancredo de Almeida Neves, primeiro presidente eleito do Brasil após longo regime de exceção vivido pelo Brasil de 1964 a 1985. Natural de São João del-Rei, devido à sua influência, contribuiu muito para a criação da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei. Muitas vezes mencionado como o grande idealizador da instituição, o que lhe rende várias homenagens ainda hoje.

avançada não se via na estrutura curricular. Da mesma maneira, em Química, Física, e Biologia eram estudados tópicos mais básicos. Nada de coisa mais avançada.

5. Considerações finais

O curso de Ciências da Faculdade Dom Bosco surgiu em uma típica cidade interiorana de Minas Gerais, onde carecia-se de professores de Matemática capazes de atender à demanda crescente na cidade de São João del-Rei. Inicialmente, ao que tudo indica, um frade franciscano foi o responsável pela disciplina de Matemática no curso: frei Jordano Noordermeer. Os dois professores – e ao mesmo tempo ex-alunos da instituição – entrevistados dão forte indício de que era prática comum contratar alunos tidos como aplicados para lecionar no curso onde estudaram, o que mostra a real necessidade de se formar professores na região de São João del-Rei.

A formação de professores de Matemática do curso de Ciências da Faculdade Dom Bosco, em São João del-Rei, foi a primeira formação com um pouco mais de especificidade para a Matemática na localidade. É importante ressaltar a iniciativa e o primeiro passo dado para, futuramente, após vários anos, instaurar-se, na cidade, a primeira licenciatura que se debruçava especificamente sobre a formação do professor de Matemática. Se para algumas pessoas a formação fragmentada corre o risco de ser uma formação incapaz de formar o professor em outros aspectos, a nosso ver tal conquista, iniciada anteriormente da Faculdade Dom Bosco, com a Licenciatura em Ciências, apresentou um marco para São João del-Rei na qualidade da formação do professor de Matemática.

Outro aspecto observado é a formação aligeirada e sob o signo da urgência, já apontada por outros autores em outros momentos e outros lugares (CURY, 2011; SILVA, 2015, entre outros), marcante na modalidade em que o curso de Ciências passou a adotar, após a entrada da primeira turma: a Licenciatura Curta.

Por fim, vale ressaltar que este trabalho não pretende esgotar o tema, mas, ao contrário, procura abrir caminho para outros temas e outros aspectos da formação de professores, sobretudo em São João del-Rei, que, porventura, poderão surgir.

6. Referências

ALMEIDA, S. P. N. C. **Um lugar: muitas histórias – o processo de formação de professores de matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/ norte de Minas Gerais (1960-1990).** 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

ARRUDA, M. A. **Formar almas, plasmar corações, dirigir vontades: o projeto educacional das Filhas da Caridade da Sociedade São Vicente de Paulo (1898-1905).** 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CURY, F. G. **Uma história da formação de professores de Matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins.** 2011. 290f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – IGCE, UNESP, Rio Claro.

FERREIRA, A. C. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais e a primeira licenciatura em Matemática do estado. In: FERREIRA, Ana Cristina et alii (Org.). **Histórias de formação de professores que ensinaram matemática no Brasil.** Campinas: Ílion, 2012.

GAIO SOBRINHO, A. **História da Educação em São João del-Rei.** São João del-Rei: Setor de Gráfica da FUNREI, 2000.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAUJO, J. L. (org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007, v. 1, p. 77 - 98.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema.** Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso), v. 25, n. 41, p. 213-250, 2011.

GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. **Elementos de História da Educação Matemática.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GOMES, M. L. M. História da Educação Matemática: a propósito da edição temática do BOLEMA. **Bolema.** Boletim de Educação Matemática (UNESP). Rio Claro. Impresso), v. 23, n. 35A, p. vii-xxvii, 2010.

_____. Escrita Autobiográfica e História da Educação Matemática. **Bolema,** Rio Claro, v. 26, n. 42A, p. 105-137, abr/2012, 2012.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A Interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: exame da década de 1960.** 2012. 379 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – IGCE, UNESP, Rio Claro.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MIGUEL, A.; MIORIM, M. A.; BRITO, A. J. History of Mathematics Education in Brazil. In: UNESCO (Org.). **Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS).** Oxford: UNESCO, 2013, v.1, p. 1-55.

NASCIMENTO, T. R. A criação das licenciaturas curtas no Brasil. **HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 12, n.45, p. 340-346, mar. 2012.

PAIVA, P. H. A. A. **Entre as memórias do Campo das Vertentes**: uma história da formação de professores de Matemática da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (FUNREI) no período de 1987 a 2001. 2016. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, C. R. M. **Uma, nove ou dez narrativas sobre as licenciaturas em ciências e matemática em mato grosso do sul**. 2015. No prelo.

SOUTO, R. M. A.; SILVA, S. F. Anníbal Marques da costa e a “Matemática em versos e prosas” – histórias da Matemática na São João del-Rei do início do século XX. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 1, p. 219-234, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.